

## A dimensão aditiva do sintoma

*Glória Maron*

### Introdução

Vivemos um tempo posterior à queda dos ideais e das figuras clássicas de autoridade que encarnam a função de interdição, articuladora da lei e desejo e reguladora dos modos de gozo. O desejo falta quando o ideal desmorona e um dos efeitos disso, verificado na contemporaneidade, é o incremento dos modos como cada sujeito obtém satisfação e fruição, sem passar pela dialética dos laços sociais. Nessa época, prevalecem soluções mais individualizadas que dispensam o laço com o Outro, verifica-se que tudo pode se transformar em objeto de gozo, tornando a relação com os objetos em uma relação aditiva<sup>1</sup>. Em lugar da escolha de um objeto articulado ao quadro da realidade erótica representada pela fantasia, o que se destaca é a prevalência do gozo autista. O que se constata então é que a clínica contemporânea coloca em relevo o gozo que não passa pela linguagem, que não suscetível à castração e, portanto, não cai sob o golpe da interdição.

Já em 1964, Lacan assinalava que vivíamos uma época prodigiosamente atormentada por exigências idílicas<sup>2</sup> que, longe de ser expressão de tendências libertadoras e prazerosas, descortinavam o horizonte do supereu, insaciável e mortífero. A relação com o gozo pode consistir, para um sujeito, na manifestação do mais incômodo supereu<sup>3</sup>, tese reafirmada posteriormente por Lacan, quando faz equivaler o supereu ao imperativo: Goza!<sup>4</sup>. Os imperativos empurram em direção a um gozo

infinito e compelem o sujeito a agir por repetição, sem um tempo de vacilação.

As manifestações sintomáticas da atualidade nos levam a perguntar como o analista se orienta na clínica contemporânea para responder ao tratamento dos sintomas da atualidade que se apresentam com sua cara aditiva? Pretendo abordar e desenvolver, nesse artigo, pontos que se alinham ao que Jacques-Alain Miller, em seu Seminário de Orientação Lacaniana ministrado em 2011, destacou como "a raiz aditiva do sintoma" correlato ao gozo do Um<sup>5</sup>.

### **Psicanálise e contexto contemporâneo**

Como ponto de partida, tomo a seguinte definição de contemporâneo: "contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro"<sup>6</sup>, juntamente com uma primeira indicação que orienta essa questão, vinda de Jacques-Alain Miller, para os analistas de orientação lacaniana: olhe para o que não muda!<sup>7</sup>.

Na clínica psicanalítica nos orientamos pelo sintoma, uma vez que um sujeito procura uma análise quando algo vacila, quando se sente descolado de uma identificação que lhe assegura um lugar em relação ao outro ou mesmo quando desmorona algum pilar que dá sustentação a seu mundo. Quando a desordem acontece, isso indica que há algo no sujeito que não se esgota no registro da identificação, dando lugar à experiência de ruptura e descontinuidade que aparece em sua opacidade. O que não muda no sintoma?

Era mais frequente, ao chegar ao analista, que o paciente viesse com uma primeira interpretação acerca do seu mal-estar. Hoje, é comum que o paciente chegue queixando-se de algo que não pode evitar e está fora do controle, um mal-estar que irrompe e invade o corpo sem que esteja associado a qualquer suposição de saber, como "não

sei dizer o que está acontecendo comigo, só sei que sinto". Diferentemente de uma queixa que se torna uma questão a ser elaborada no plano da narrativa, nos deparamos com o sintoma em sua dimensão de resposta do real, prevalecendo uma expressão corriqueira na clínica contemporânea e que pode ser assim resumida: "não tenho palavras".

A psicanálise se funda voltando-se para os aspectos dos sintomas que a psiquiatria da época rejeitava: o conteúdo dos sintomas. A grande contribuição que Freud ofereceu à sua época foi o de conferir um sentido aos sintomas, interpretá-los em função do desejo inconsciente e das experiências do sujeito. Mas, nem só de sentido é feito o sintoma e Freud pôde constatá-lo colocando em relevo os aspectos econômicos e pulsionais que resistem a participar da dialética das permutações significantes. A tenacidade da satisfação pulsional pode ser verificada na experiência analítica e constitui para o analista o peso clínico de cada caso pelo "caráter de irreprimível mesmo através das repressões". A isso, se acrescenta "o caráter arcaico e primordial da pulsão"<sup>8</sup>. É a partir da satisfação pulsional do sintoma que Lacan localizou uma das vias que o levou a elaborar o conceito de gozo. Assim como Freud, Lacan considerou que no sintoma, mesmo sob a vigência do sofrimento, há satisfação.

Verificamos, então, a partir do sintoma ou o gozo recoberto pela interpretação que o sujeito confere ao seu modo de gozar, alinhado ao estatuto do inconsciente como elucubração de saber; ou o gozo em seu "estado bruto", como ocorre, por exemplo, no pânico, na passagem ao ato, nas adições - sem as vestes do recalque que conferem ao sintoma uma cobertura de sentido ao gozo. O sintoma mostra sua toxicidade quando está separado radicalmente do sentido<sup>9</sup>.

Na atualidade, um conjunto de trabalhos produzidos sob a orientação lacaniana coloca em relevo a toxicidade dos

sintomas como aquilo que no sintoma não passa pelo sentido, bem como ressalta uma modalidade de relação com o objeto em que a satisfação mortífera da pulsão prevalece sobre o simbólico. Como podemos verificar, o uso do significante toxicidade se amplia e "ganha uma abrangência clínico-conceitual que se estende para além do recurso à substância psicoativa lícita ou ilícita"<sup>10</sup>. Beneti ressalta a função paradoxal do objeto droga em sua função de separação, e podendo, ao mesmo tempo, funcionar como objeto êtimo promovendo laços com o Outro a partir do corpo<sup>11</sup>. Há uma convergência quanto a ressaltar o caráter paradoxal da satisfação pulsional que coloca em jogo o real como impossível.

Lacan reconhece na satisfação pulsional algo da ordem do impossível e alinha o impossível da pulsão ao real designado "por sua separação do campo do princípio do prazer, por sua dessexualização, pelo fato de que sua economia admite algo que é justamente o impossível"<sup>12</sup>. A satisfação pulsional se estrutura em torno do objeto perdido e essa defasagem abre o horizonte das tentativas sempre fracassadas de ir ao encontro de um real que não se alcança. Abre-se uma perspectiva do símbolo vir ocupar o lugar do objeto faltoso procurando assim a manutenção da homeostase. Ao mesmo tempo, lidamos com uma ordem simbólica que comporta furos, descontinuidade e rupturas, inconsistente para responder tudo sobre o sujeito e seu gozo. É nessa encruzilhada que podemos deduzir o impossível e o inassimilável do real correlato ao trauma, o que retorna ao mesmo lugar.

Nesse ponto, destaco o caráter paradoxal da satisfação pulsional. Por um lado, estamos às voltas com a satisfação impossível. Por outro, um nível de satisfação que envolve o próprio corpo, *matriz do autoerotismo*. Uma referência que vem contribuir para abordar o autoerotismo se circunscreve à concepção do corpo recortado pelas pulsões parciais, zonas

erógenas, bordas que se abrem e se fecham, que se satisfazem no nível do próprio corpo, gozo correlato ao trajeto da pulsão. Além dessa referência, devemos considerar a distinção entre a satisfação do puro e simples autoerotismo da zona erógena e a função do objeto. Na satisfação pulsional o objeto da pulsão é indiferente. A presença do objeto encontra-se aí a título de causa de desejo<sup>13</sup>. A pulsão se satisfaz em torno de uma cavidade, da borda, de um vazio, contornando o objeto eternamente faltante<sup>14</sup>, o autoerotismo se fundamentando na concepção das pulsões parciais.

Lacan reconheceu as pulsões parciais postuladas por Freud, mas, não no que se refere à existência da pulsão genital, o que implica que sob o fundo da não existência da pulsão genital é que se forja a relação sexual com o parceiro. Ao nível das pulsões parciais a relação é com o objeto. Ao nível da inexistência da relação sexual como um dado prévio, *o outro como parceiro se inscreve a partir do a*.

### **Gozo e linguagem**

A incidência do significante sobre o gozo do sintoma atravessou o ensino de Lacan. De um lado temos o gozo e do outro, modos de aparelhar o gozo pela linguagem. Dessa operação, o *a* é enunciado como o índice do gozo que pode ser restituído sob a modalidade de objeto *a*.

Abordada por referência a modos de aparelhar o gozo ou regulá-lo pelas leis da linguagem, no primeiro ensino prevalece o paradigma da aparelhagem de linguagem estruturada em torno da lei paterna, representante do campo do Outro, da cultura. O gozo fálico submetido às leis da linguagem encontra-se referido ao princípio do prazer e se inscreve na dialética da interdição-permissão em que o gozo deve ser primeiramente recusado para só depois ser

alcançado. O gozo pode então ser recuperado através da fantasia. Articulado aos menos *phi*, ou seja, à castração imaginária, a fantasia conjuga o sujeito da fala e gozo, condensado em uma letra, *a*. Por um lado temos um sujeito representado por um significante ao mesmo tempo em que permanece como um conjunto vazio. Por outro lado, ali onde há vazio, falta-a-ser, no lugar aberto pela inconsistência e incompletude do Outro se aloja o pequeno *a*. O objeto *a* é o que se destaca do Outro e é pela via do objeto *a* que o sujeito se reinscreve no Outro.

É pela via da angústia, índice da falta que falta - falta necessária ali onde o sujeito se constitui no lugar do Outro - que Lacan, no *Seminário 10*, aborda o objeto *a*, cujo estatuto é anterior à lei e a sua significação. Lacan revisa o estatuto do objeto *a*, promovendo uma disjunção entre castração e lei paterna. O pequeno *a* não é determinado pela interdição, mas pela pura e simples separação. Designa por uma letra, *a*, o que resiste a assimilação à função do significante, e é por isso mesmo que nos referimos a esse *a* como perdido, como o que se perde para a significantização fálica. É justamente esse dejetivo, isso que cai da divisão do Outro, que está no fundamento do sujeito<sup>15</sup>, essa função de resto que sobrevive à prova do encontro com o significante puro. Em sua função essencial, é algo que se furta ao nível de captação que nos é próprio, ou seja, o objeto *a* como causa é fundante, mas nós o desconhecemos. Nessa perspectiva, o objeto *a* como causa ou como mais-de-gozar assinala a fronteira que une e separa significante e real.

De um lado o pequeno *a* é gozo e do outro o pequeno *a* é sentido, podendo ser definido como "a parte do gozo das pulsões parciais a qual se pode envolver na cultura"<sup>16</sup>. Ou seja, trata-se de saída de uma referência a uma parcela do gozo elaborável pela linguagem, o mais de gozo, que constitui o efeito da incidência da linguagem em um suposto

gozo sobre o qual nada se sabe. Nesse ponto, o sintoma é concebido como um aparelho individual para situar essa parte elaborável do gozo, definição que inclui a fantasia. O sintoma tomado nessa dimensão de aparelhamento de gozo constitui uma mediação entre o sujeito e o gozo por intermédio da significação com o Outro.

Quando abordamos os sintomas da atualidade tomando como paradigma a adição, estamos sublinhando tanto a relação do sujeito com o gozo sem a mediação do Outro - gozo que prescinde das significações do Outro e corresponde ao autismo contemporâneo<sup>17</sup> - ou ainda quando se estabelece com os objetos da cultura uma modalidade de gozo mortífero.

No percurso do ensino de Lacan, verificamos remanejamentos no que concerne ao estatuto do objeto *a*. Podemos então verificar que ora formulado em sua maior proximidade à representação imaginária, tomando a imagem do corpo como suporte do gozo; ora circunscrito na articulação imaginária simbólica da fórmula da fantasia, *em que o a vem suprir imaginariamente a falta-a-ser do sujeito*; ora definido como semblante do ser; ora sentido gozado, ora mais referido ao real ora mais referido a efeito real; de qualquer modo, o gozo está sempre ali no que tange ao *a*, o gozo possível de ser alcançado.

Na época do *Seminário 20*, Lacan revisa uma vez mais o que concerne ao objeto *a*. O objeto *a* não deixa de estar referido ao real, na medida em que o *a* é índice do gozo como limite do sentido<sup>18</sup>, mas trata-se do gozo em sua afinidade com o imaginário. O *a*, na função de causa de desejo, está revestido imaginariamente. O gozo pulsional indexado no objeto *a* está referido ao falo e, portanto, o *objeto a é reduzido à função de semblante do ser*. É pelo *a* que se acede ao Outro, que vem em lugar do parceiro que falta quando se trata do gozo fálico.

Quando se trata do gozo feminino, é de outra coisa que se trata e o *a* vem em *suplência à relação sexual que não*

há<sup>19</sup>. Nessa direção, interroga-se se o a se presta a designar o real do gozo do sintoma, real que só é possível ter acesso a restos, pedaços<sup>20</sup>.

Um divisor de águas se estabelece quando Lacan, a partir do gozo feminino, privilegia a via da ex-sistência do Um em lugar da falta a ser para abordar o gozo não negativizado pela linguagem.

É também no *Seminário 20*, que a abordagem do gozo feminino abre uma nova perspectiva para se pensar que há um resto de gozo sintomático que resiste à operação da linguagem e que não responde à dialética da interdição-permissão. Há um gozo impossível de ser negativizado pela interdição, um gozo não-todo submetido à castração e que Lacan identificará como o regime de gozo como tal, seja para o homem, seja para a mulher. *O gozo não ligado à interdição é o acontecimento de corpo, opaco ao sentido, um gozo indizível que recebe a marca inaugural de um significante primeiro*. Há o Um, correlato da ausência da relação sexual<sup>21</sup>, axioma que repercute no estatuto do corpo e do gozo.

O Um deriva da primeira hipótese do Parmênides de Platão: é impossível que o Um exista e a impossibilidade é demonstrada. Por ser um, não tem partes e não é um todo e conseqüentemente não tem fim nem limite. Uma decorrência lógica é que não constitui um ser e uma temporalidade e por fim não tem nome, nenhuma definição, sensação ou saber. Os neoplatônicos escolheram uma outra modalidade de ler o Um, ou seja, há uma incompatibilidade do Um ao ser e assim, o Um não existe no sentido do ser, mas além do ser, há o Um, o um ex-siste ao ser. Essa abordagem do Há Um é solidária à formalização matemática que liga o Um ao infinito não numerável que é o infinito dos números reais<sup>22</sup>.



## A raiz aditiva do sintoma

Lacan começa seu ensino privilegiando o imaginário, depois o simbólico, e por fim, promove um giro em seu último ensino em direção ao registro do real. Podemos supor que se antes procurou um elemento fixo e constante do sintoma na abordagem do objeto *a* e a significação a ele anexada no enquadre da fantasia, a ênfase é dada no final de seu ensino ao *S1*, significante primeiro que designa uma experiência de gozo fundadora do acontecimento de corpo, um corpo que se goza.

Assim como o objeto *a*, a abordagem do *S1* ocupa um lugar central no ensino de Lacan. Para além dos efeitos de significação do significante, o último ensino de Lacan privilegia o significante separado da significação e destaca o caráter contingente do significante ímpar e seu efeito de gozo no corpo, experiência fundante do qual o sujeito nada sabe. Há o *Um*, independente da fala e da linguagem e seu efeito no corpo, o gozo, está em consonância com o que Freud havia constatado acerca da fixação, *Fixierung*: o que veio um dia à vida se agarra tenazmente à existência. É no significante *Um*, ímpar, solitário, que se deduz o gozo opaco ao sentido.

Com a psicanálise, aprendemos que há uma parte obscura que nos habita, absolutamente singular. Diferentemente do particular que é o que temos em comum com alguns, o singular é a dimensão distante de qualquer comunidade, nada comum, fechado em sim mesmo<sup>23</sup>. Na clínica lacaniana, os testemunhos do passe têm contribuído de modo decisivo na abordagem da singularidade do gozo.

O percurso de uma análise levada ao final conduz ao singular, irreduzível e ineliminável que resta de uma operação da ordenação dos significantes primordiais que tramam os sentidos e o destino de cada um. Dessa trama restam os elementos fora do sentido, separados da realidade

significante e que demonstram a faceta contingente da existência e do modo de gozar em lugar de um destino articulado. Em cada trama, se extrai um produto, que vale apenas para um-sozinho, e que revela uma fixidez e aderência pela via da repetição. A persistência dos restos sintomáticos coloca em relevo aquilo que na orientação lacaniana está referido à dimensão real e passa a ser designado pelo *sinthoma*. Podemos identificar no resto sintomático, a reiteração inextinguível do mesmo Um. Esse resto absoluto fora das formações do inconsciente, não é suscetível a operação da fala. Diferentemente do sintoma estruturado como linguagem cuja matriz é a articulação S1-S2, o significante do saber conferindo saber ao primeiro, a matriz aditiva do sintoma demonstra o caráter de contingência e arbitrariedade do encontro do significante e seu axioma é a não relação. Miller designa a reiteração do Um como "escrita selvagem do gozo, escrita do Um sozinho, fora de qualquer sistema significante, ao passo que o S2, saber do qual ele seria correlato é apenas suposto"<sup>24</sup>.

A raiz aditiva do sintoma se situa nesse Um sozinho. O real como inassimilável se apresenta sob a forma de traumatismo e passa a ser a mola da repetição. O sujeito se encontra ligado a um ciclo de repetições cujas instâncias não se adicionam e cujas experiências não lhe ensinam nada. Daí, que podemos dizer que essa repetição de gozo que se faz fora do sentido, assume o caráter de adição.

O gozo repetitivo que se diz da adição passando pelo viés do significante separado da significação, pode ser designado como um autogozo, em que a função do Outro do S1 é o próprio corpo<sup>25</sup>.

A insistência e reiteração do Um não se confundem com a repetição equivalente à insistência e retorno dos signos comandados pelo princípio do prazer. Portanto, não estamos no plano da repetição concebida como *automaton*, ou seja, o objeto perdido ativando permanentemente a simbolização da

ausência pela via da permutação significativa. A repetição do Um é correlata à repetição como *tiché*, o real inassimilável do trauma. Estamos às voltas com a "repetição do modo de gozo solidário de um real insano"<sup>26</sup>. O conceito de fixação é relançado por referência ao acontecimento de corpo em lugar do trajeto da pulsão em torno do objeto perdido. A indexação do gozo do Um como acontecimento de corpo promove um novo estatuto do sintoma: *O sinthoma é o real e sua repetição*<sup>27</sup>. O *sinthoma* é tributário do paradigma do não-todo, da não relação, da não inscrição prévia da relação sexual. Prevalece então, a disjunção do significante e do significado, a disjunção do gozo e do Outro e o caráter contingente e aleatório do encontro do significante e gozo. A clínica do nó constitui uma modalidade de responder ao não-todo, apresentando uma variedade de arranjos do real, simbólico e imaginário.

### **Para concluir**

Abordar os sintomas da atualidade e sua afinidade com a nova "ordem" simbólica, caracterizada pela fragmentação dos laços e das narrativas, é considerar novas modalidades de *aparelhamento da pulsão* que de saída, tal como Lacan enunciou a propósito da montagem pulsional, *se apresentam como não tendo pé nem cabeça - no sentido em que se fala de montagem numa colagem surrealista*<sup>28</sup>. Nossa bússola é o fora de sentido.

Quando nos colocamos em posição de "olhar para o escuro" e ler nos sintomas contemporâneos o que neles não muda, localizando na opacidade do modo de gozo, o singular que sustenta a ex-sistência de cada sujeito, suponho que estamos na direção de colocar a psicanálise de orientação lacaniana a serviço da ordem simbólica da nossa época. O psicanalista *oferece a via da adição das palavras, para dizer por acréscimo o impossível de ser dito.*

---

<sup>1</sup> LAURENT, É. (2011). "La ciencia es hoy el principio de la autoridad". Entrevista dada a Pablo de Chacón para a *Revista de cultura Ñ*, em 13/12/2011. Buenos Aires: Clarín.com. Disponível em:

[http://www.revistaenie.clarin.com/ideas/psicologia/Entrevista\\_Eric\\_Laurent\\_0\\_608339382.html](http://www.revistaenie.clarin.com/ideas/psicologia/Entrevista_Eric_Laurent_0_608339382.html)

<sup>2</sup> LACAN, J. (1998[1964]). "Do 'Trieb' de Freud e do desejo do psicanalista". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 886.

<sup>3</sup> Idem. (2005[1962-1963]). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 137.

<sup>4</sup> Idem. (1985[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 11.

<sup>5</sup> MILLER, J.-A. (2010-2011). "Curso de orientação lacaniana III, 13: L'Être et l'Un". Inédito.

<sup>6</sup> AGAMBEN, G. (2009). "O que é contemporâneo?". In: *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Santa Catarina: Argos, pp. 62-63.

<sup>7</sup> MILLER, J.-A. (2009). "São os acasos que nos fazem ir a torto e a direito". In: *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, nº 55. São Paulo: Edições Eolia, p. 32.

<sup>8</sup> LACAN, J. (1985[1964]). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 154.

<sup>9</sup> NAPARSTEK, F. (2011). "Adicção". In: *Scilicet - A Ordem Simbólica no Século XXI*. Belo Horizonte: Associação Mundial de Psicanálise e Scriptum Livros, p. 20.

<sup>10</sup> HENSCHER, C. (2011). "Toxicidade no Contemporâneo". In: *Correio - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, nº 69. São Paulo: EBP, pp. 43-46.

<sup>11</sup> BENETI, A. (2011). "O laço social intoxicado". In: *Correio - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, nº 68. *Op. cit.*, p. 57.

<sup>12</sup> LACAN, J. (1985[1964]). *Op. cit.*, p. 159.

<sup>13</sup> Idem. *Ibidem*.

<sup>14</sup> Idem. *Ibid*, p. 170.

<sup>15</sup> Idem. (2005[1962-1963]). *Op. cit.*, p. 193.

<sup>16</sup> MILLER, J.-A. (1998). "O sintoma como aparelho". In: *O sintoma-charlatão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

<sup>17</sup> Idem. *Ibid*, p. 17.

<sup>18</sup> LACAN, J. (1985[1972-1973]). *Op. cit.*, pp. 124-125.

<sup>19</sup> Idem. *Ibid*, p. 86.

<sup>20</sup> Idem. (2007[1975-1976]). *O seminário, livro 23: o sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 119.

<sup>21</sup> Idem. *Ibid*, p. 90.

<sup>22</sup> ZALOSZYCH, A. (2007). "Há Um". In: *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, nº 50. *Op. cit.*, pp. 178-179.

<sup>23</sup> MILLER, J.-A. (2009). "São os acasos que nos fazem ir a torto e a direito". In: *Opção Lacaniana - Revista Brasileira Internacional de psicanálise*, nº 55. *Op. cit.*, p. 29.

<sup>24</sup> MILLER, J.-A. (2010-2011). *Op. cit.*, aula de 6 de abril de 2011.

<sup>25</sup> Idem. *Ibid*, aula de 23 de março de 2011.

---

<sup>26</sup> COTTET, S. (2011). "A repetição". In: *Scilicet - A Ordem Simbólica no Século XXI*. *Op. cit.*, p. 330.

<sup>27</sup> MILLER, J.-A.(2010-2011). *Op. cit.*, aula de 9 de fevereiro de 2011.

<sup>28</sup> LACAN, J. (1985[1964]). *Op. cit.*, p. 161.